

"Bancos devem refinanciar uma parcela dos juros"

por Cecília Costa
do Rio

O ex-ministro da Fazenda e diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (EPGE-FGV), Mário Henrique Simonsen, acha inevitável que os bancos internacionais passem a refinanciar uma parcela dos juros devidos pelos países da América Latina, além de rolar o principal da dívida. De acordo com ele, após a crise gerada pela moratória do México em 1982, ficou comprovado que os superávits comerciais apresentados pelos países subdesenvolvidos nem sempre são suficientes para arcar com o serviço da dívida externa, devido à instabilidade das taxas de juro internacionais.

A constatação desse problema macroeconômico fez com que os bancos norteamericanos, nos últimos meses, tenham decidido realizar provisões para devedores duvidosos e ao mesmo tempo vai obrigá-los, coletivamente, a refinanciar uma parcela dos juros, caso queiram receber de volta pelo menos uma parte do dinheiro que emprestaram, comentou Simonsen. Dentro desse quadro, analisado durante a conferência monetária internacional da qual o ex-ministro participou, no início desta semana, em Hamburgo (Alemanha), a tendência é a de que "a partir de agora as negociações com os credores sejam mais flexíveis".

O momento atual é favorável, portanto, "à apresentação de um leque de opções quanto ao refinanciamento dos juros, que inclua empréstimos adicionais, capitalização parcial e conversão de dívida em capital de risco", ou seja, exatamente o que pretende o governo brasileiro. Os bancos internacionais, segundo Simonsen, só não abrirão mão de uma arbitragem que terá de ficar a cargo de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou de Banco Mundial (BIRD).

Quanto à proposta feita pelo ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, de que os países devedores arcassem com juros até o teto de 6% ao ano e o resto fosse coberto por um fundo a ser criado pelos países credores, o ex-



Mario Henrique
Simonsen

ministro da Fazenda apoiou, tendo dito que "Kissinger estava com razão, já que os países credores também têm de colaborar para solucionar o problema da dívida". Acrescentou que "essa ideia, aliás, vem-se generalizando no mercado financeiro internacional".

Lembrou que são grandes as pressões para que Alemanha e Japão, principalmente, por serem países superavitários, aumentem suas contribuições para organismos internacionais. "Estamos participando de um mundo que se encontra em dificuldades para fechar suas contas. Algo terá de mudar, por tanto. Para que os Estados Unidos possam reduzir seu déficit comercial, é preciso que os países devedores tenham condições, por sua vez, de diminuir seus superávits forçados. Dessa forma, parte dos encargos da dívida externa do Terceiro Mundo terá de ser coberta pelos países desenvolvidos", afirmou.

Quanto ao FMI disse que felizmente o PMDB vinha deixando de considerá-lo um "bicho-papão". Afina de contas, a Argentina, com acordo com o FMI, está com uma inflação anual em torno de 180% e mantém taxas de crescimento de cerca de 5%, ou seja, "está bem melhor do que o Brasil".

Simonsen abriu ontem o ciclo de palestras que está sendo promovido pela Associação dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro (ABERJ) com o apoio do Instituto de Produtividade Bancária. O segundo conferencista será o economista Paulo Rabello de Castro, em reunião-almoço marcada para o dia 10 de julho.